


## **HOTEL NOVO MUNDO: UM ESTUDO CRÍTICO À LUZ DA ESTRUTURA DO ROMANCE**

*Hotel novo mundo: a critical study in light of the structure of the novel*

**Rodrigo Felipe Veloso<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-7840-584X> 

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Montes Claros, Departamento de Comunicação e Letras, Montes Claros, MG, Brasil. 39401-089 – [depto.comunicacaoelettas@unimontes.br](mailto:depto.comunicacaoelettas@unimontes.br)

**Resumo:** O presente artigo pretende fazer uma análise crítica do romance *Hotel Novo Mundo*, de Ivana Arruda Leite. A discussão a ser apresentada trata-se da teoria estrutural do romance, uma vez que a crítica estrutural empenha-se na criação de uma poética interessada em construir um modelo de estrutura que conseguisse abarcar todas as narrativas existentes. O estruturalismo, então, propõe o abandono do exame particular das obras, bem como as apresenta como realização de outra coisa para além delas próprias: o que demonstra a estrutura do próprio discurso literário, formado pelo conjunto abstrato de procedimentos que caracterizam o mesmo, enquanto propriedade típica da organização mental do homem. Ademais, da narrativa emanam essas questões que serão apresentadas e analisadas, visto que, evidentemente, tal análise não esgota o conhecimento da estrutura do romance em estudo. Por isso, essa estrutura apresenta-se mais no nível da narração e das personagens e tendo pelo nível da língua(gem) sua implicação e desdobramento. Portanto, utilizam-se autores que tratam do aspecto teórico-crítico do romance e sua estrutura, que são eles: Affonso Romano de Sant'Anna (1974), Renné Wellek (1963), Silviano Santiago (2002), dentre outros.

**Palavras-chave:** literatura contemporânea, crítica literária, estruturalismo, pós-modernidade, Identidade.

**Abstract:** This article aims to provide a critical analysis of the novel *Hotel Novo Mundo*, by Ivana Arruda Leite. The discussion to be presented concerns the structural theory of the novel, since structural criticism strives to create a poetics interested in building a structural model that could encompass all existing narratives. Structuralism, then, proposes the abandonment of the particular examination of works, as well as presenting them as the realization of something other than themselves: which demonstrates the structure of literary discourse itself, formed by the abstract set of procedures that characterize it, as typical property of man's mental organization. Furthermore, these questions emanate from the narrative and will be presented and analyzed, since, evidently, such analysis does not exhaust the knowledge of the structure of the novel under study. Therefore, this structure is presented more at the level of narration and characters and has its implication and unfolding at the level of language. Therefore this end, authors who deal with the theoretical-critical aspect of the novel and its structure are used, which are: Affonso Romano de Sant'Anna (1974), Renné Wellek (1963), Silviano Santiago (2002), among others.

**Keywords:** contemporary literature, literary criticism, structuralism, postmodernity, Identity.

## Introdução

[...] e no *Novo Mundo*, ser homem significa ser solitário. [...] uma vez que ela tem de emergir de um abismo inescrutável que reside no próprio sujeito (Georg Lukács, 2000, p. 34).

Ivana Arruda Leite é sem dúvida um dos nomes de escritores importantes da literatura contemporânea. Desde sua estreia em 2002, com o livro de contos *Falo de mulher*, percebe-se que ela nos apresenta uma escrita que transita pelo nosso cotidiano, nas relações humanas e, que, muitas das vezes, esses acontecimentos surgem em nossos pensamentos, mas quase nunca conseguimos expressá-los da mesma maneira. Ela mostra o universo feminino, do ponto de vista da própria mulher, que é o sujeito da enunciação. E este lugar de fala lhe permite abordar com maior autoridade as questões do feminino. Dessa forma, a autora nos apresenta certos tabus sociais e procura uma saída para as barreiras impostas pelos costumes e pelo combate ao meio, nesse caso, o condicionamento às normas da educação da mulher e mesmo a imposição social que a obriga a ter certos comportamentos tidos como apropriados e adequados à mulher virtuosa e de “boa” moral.

O presente artigo reúne, num primeiro momento, aspectos que analisam a imagem da mulher como aquela que romperá todo o sistema social. No entanto, o que mais atraiu a nossa atenção em algumas obras de Ivana Arruda Leite não só se deve à vivência feminina, mas também ao ponto que enfoca a questão do feminino e a dimensão feminista da ficção leiteana. Logo, faremos uma investigação quanto à teoria estrutural do romance, inspirados na discussão que Affonso Romano de Sant’Anna (1974) realiza ao analisar estruturalmente o romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

*Hotel Novo Mundo* se concretiza ao realizar os pressupostos da modernidade, conforme nos aponta Leyla Perrone-Moisés (1978, p. 29), porque resta à crítica duas possibilidades:

A primeira é *científica*. Armada com o aparato conceitual e metodológico da semiologia, a crítica pode descrever os textos. Ela construirá modelos ou *grilles* que permitirão uma ou mais leituras de um texto, graças ao esclarecimento de seu código e das leis de seu funcionamento. Teremos então uma metalinguagem cada vez mais formalizada, cada vez menos verbal e discursiva. O outro caminho é o da *escritura*, que privilegiará a produção de novos estudos sobre a reprodução de sentidos prévios, que, ao invés de apenas ajudar a ler (a decifrar), dar-se-á à leitura como um novo ciframento. Esse discurso, constituído não como uma utilização instrumental da linguagem verbal mas como uma aventura no verbo, não será uma metalinguagem mas entrará, em pé de igualdade com o discurso poético, na “circularidade infinita da linguagem” (Perrone-Moisés, 1978, p. 29, grifos da autora).

Entre esses dois segmentos, percebe-se um relacionamento entre si, uma vez que durante a análise da obra, o primeiro (semiologia) se manifesta como elemento imanente de leituras; e o segundo (escritura) como elemento de experiência da linguagem, o que



demonstra a pertinência em apropriar-se deles, para assim, reconhecer-se na forma e estrutura do romance a teoria e a metodologia de análise que serão capazes de estudar a língua como um sistema de elementos intercomunicantes.

### Dialética crítica e estrutural de *Hotel Novo Mundo*

*A sociedade não é [...] um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo "descentrada" ou deslocada por forças fora de si mesma* (Stuart Hall, 2006, p. 17).

Nesse ponto do trabalho, é importante mencionar que de acordo com as propostas do estruturalismo literário, jamais devemos reduzi-lo a algo “puramente arquitetural”, conforme declara René Wellek (1963) em seu texto *Conceitos de forma e estrutura na crítica do século XX*, tal qual elas foram apropriadas pela intelectualidade brasileira. No Brasil, temos a sua presença através dos docentes e pesquisadores das universidades públicas brasileiras na década de 1970, mais precisamente da Universidade de São Paulo, onde tais propostas não encontrariam, num espaço acadêmico vigiado pela censura da política ditatorial, solo propício para que pudessem, inicialmente, ir muito além do “puramente arquitetural”. A dualidade estrutura *versus* forma estabelece numa obra de arte que esta não deve ser estudada apenas como a soma de elementos, bem como o estudo puramente sensível, pois projeta um “mundo” que concatena a ideia de temas, motivos, personagens e enredos.

Cumpra agora ressaltar o que Antônio Houaiss (1969, p. 68-69), em seu texto *Crítica Literária e Estruturalismo*, define como difícil, na prática, que é a aplicabilidade do método estruturalista:

Vê-se, no lidar contemporâneo, em diversas disciplinas, que as estruturas são ligadas sobretudo quando, entre a substância e a mente humana que procura penetrá-la analiticamente, há a mediação, sobretudo a da palavra. Mas não apenas isso, as próprias formas ou substâncias ou instrumentos mediadores são também passíveis da análise estrutural. É possível, assim, configurar uma larga gama de campos de conhecimento que pode ser objeto de aplicação do método: a sociedade (humana e onde houver “mecanismos” comparáveis de sociedade, animais), todos os produtos da vida social que a sustentam (a produção) e que “sustentam” a produção social (as ideologias), numa palavra, todas as substâncias e formas da subjetividade humana, inclusive todas as formas sociabilizadas ou sociabilizáveis do fazer e do conhecer, todas as artes e artesanais aí compreendidas (Houaiss, 1969, p. 68-69).

A partir das ideias apresentadas, analisar-se-ão o romance *Hotel Novo Mundo*, de Ivana Arruda Leite, ao nível das personagens, da narrativa, da linguagem. Isso porque configura um campo fértil e produtivo no que tange à aplicação de tais princípios, quer dizer, a narrativa aborda situações cotidianas de seus personagens e suas relações sociais, representando assim, as subjetividades humanas reproduzidas pela arte da palavra.



Domício Proença Filho (1988) em seu livro: *Pós-modernismo e literatura* nos mostra alguns traços que o pós-modernismo do Terceiro Mundo possui. Alguns desses traços percebem-se no texto em estudo, bem como se percebe um maior destaque à configuração do texto literário como sendo uma figura alegórica de tipo hiper-real e metonímico, uma vez que ao lermos o romance temos a impressão de estarmos assistindo a uma produção cinematográfica com duas classes sociais distintas e lugares diferentes, mas convivendo no mesmo espaço: o cidadão. E a sua história centraliza-se no conflito da relação entre Renata e seu ex-companheiro e sua atual relação com Divino. Vale ressaltar que o nome Divino equivale ao personagem da narrativa em estudo e não se remete a um ser metafísico ou religioso. Discutem-se ainda alguns elementos que se destacam como o coloquialismo, a mistura de gêneros, o cotidiano trazido para a literatura.

*Hotel Novo Mundo* retoma a ideia do realismo ou hiper-realismo, bem como percebemos na personagem-protagonista, o caminho pela transição do luxo para viver, diante do que podemos classificar, como o que está nivelado por baixo pela miséria e pobreza, isto é, ela troca o conforto material vivido no Rio de Janeiro para viver numa “espelunca” no centro de São Paulo. Ou como atesta a própria escritora, em entrevista ao jornal *Estado de São Paulo*, apontando como o passado desta personagem-protagonista justifica a sua coragem, assim como para os moradores do Hotel Novo Mundo:

Os coitados são os moradores do hotel barato: Genésia (a dona), Leão (companheiro de Genésia e pianista), Divino, Jurema (enfermeira apaixonada por Divino), Ritinha (estudante), Deise (mãe de Ritinha), Zema (vendedor), Lauro (pai de santo e companheiro de Zema). Naquela pensão – um oásis de solidariedade – em meio a um ambiente degradado pela pobreza, prostituição e tráfico de drogas – um microcosmo do Brasil (Leite, 2009)

*Hotel Novo Mundo* nasce como narrativa e Renata como narradora e personagem de uma história que se inicia pelo recomeço de um capítulo de sua vida. A narrativa, por sua vez, surge como representação e autoria do poder feminino diante da palavra escrita. Nesse sentido, Renata, “ser da língua(gem)”, constitui-se como desafio, uma vez que além de seus atos, o seu duelo surge na relação de sair de um mundo no qual vivia a traição, em forma de frustração (velho mundo), para buscar uma nova fase da sua vida, de um novo mundo.

Nosso propósito com este texto é conhecer um pouco quem são os atores desse teatro e, a partir de então, apresentar criticamente o quanto esses personagens contribuem para o que se investiga quanto à estrutura do romance. Ao aproximar tais personagens, portanto, valemo-nos do conceito de identidade.

Na modernidade, a identidade estava assentada a um conjunto de conceitos e valores das tradições comuns a uma comunidade, a um povo. Logo, a pátria, a língua e a norma familiar são alguns componentes desse arquivo. Contemporaneamente, a partir do que Anthony Giddens (2002), em sua obra *Modernidade e Identidade*, descreve como a “busca da autoidentidade”, esta se apresenta como um problema moderno, pois a ideia de



que cada pessoa possui um caráter individual, fortalece a tese de que não se deve somente à existência do indivíduo, como traço distintivo da modernidade, e menos ainda a do eu. Mas, seguramente o que tem sido valorizada pelas culturas modernas se deve ao cultivo das potencialidades desse eu.

A identidade, aqui, é problematizada por meio do embate da própria Renata com os homens e mulheres que aparecem em sua vida e com seu posicionamento diante das formas de se apresentar, seja na produção do seu texto escrito ou na vida social. No âmbito do texto narrativo, de que forma essa questão pode ser proposta para se pensar a constituição de personagens, do narrador e da própria escrita enquanto materialização e estrutura do romance?

No *Hotel Novo Mundo*, a personagem-protagonista, Renata, vive o cruzamento entre as memórias e a sua produção literária permitindo afirmar que existe um jogo de “revela e esconde” entre as duas formas de expressão: enquanto as suas memórias do passado estão destinadas a contar sua relação com César, a memória do presente “coincide” com “os bons tempos” do seu relacionamento com Divino e, além disso, também estão registrados os “momentos difíceis” que passou ao lado da mãe, e a seu posicionamento em relação à sociedade.

Embora se reconheça e “atue” como “escrevente” em suas memórias e como “escritora” e narradora no seu romance, Renata mantém uma leitura em paralelo entre memórias e obra literária e o cruzamento com a produção histórica sobre o período, o que acaba por revelar os desencontros amorosos do seu grupo social.

Vale ressaltar que, durante o desenvolvimento da narrativa, César também atua como “escrevente”, pois sempre em suas mensagens destinadas à Renata, identifica-se a esperança que ele tem do retorno da sua amada e como ele a acompanha e conhece, com precisão, tudo que se passa com ela durante a sua estadia em São Paulo. Sabemos que tudo isso nós é revelado pelo olhar e escrita de Renata.

Pode-se depreender dessa relação de acontecimentos do passado, vivenciados no presente e o percurso pelo qual a protagonista, Renata, realiza no texto literário, da seguinte forma:

#### PRIMEIRO ESPAÇO



APARTAMENTO

(Rio de Janeiro)

RENATA → CÉSAR

(É traída pelo marido)

#### SEGUNDO ESPAÇO



HOTEL NOVO MUNDO

(São Paulo)

RENATA → DIVINO

(Vive uma relação harmônica e feliz)

Os sete capítulos que compõem a narrativa de *Hotel Novo Mundo* apresentam a



trajetória da personagem-protagonista, Renata, durante os sete dias que compõem a semana, dentro de uma disposição e estrutura linear, podem ser estudados pela configuração de dois espaços diferentes; entretanto, essa personagem possui o livre acesso por estes dois espaços.

O primeiro espaço – apartamento no Rio de Janeiro – define-se por sua composição elementar. Suas lembranças constituem-se a partir da relação com seu companheiro César, pois demonstra os momentos vividos, mas quase nunca esquecidos pela protagonista. O segundo espaço – Hotel Novo Mundo – revela o comportamento, as leis e regras que fundamentam esse espaço social baseadas numa relação de troca, que indica a predominância pela gentileza, amizade e relação amorosa.

Todavia, o primeiro espaço articula-se como antagônico, porque remonta a divergência que existe em relação à protagonista, Renata, em viver num apartamento de luxo em frente à praia de Copacabana no Rio de Janeiro, mas em troca aceita viver numa relação de bigamia, o que depois representará a decadência da sua relação com César. Com isso, a personagem-protagonista vive numa situação pobre e deprimente. Ou como ela descreve: “no velho mundo, tudo continuava na mesma. Nada de novo aconteceu com a minha saída. Ninguém notou a minha falta. Nem o César. Duvido que ele tenha percebido que eu o abandonei para sempre” (Leite, 2009, p. 19).

O tema da decadência pode ser visto para retratar simbolicamente às transformações sociais e econômicas ocorridas com o processo de modernização capitalista. Ou seja, o processo de ruptura das normas estabelecidas no decorrer da narrativa, desde os relacionamentos dos casais que se apresentam corrompidos até abalos na estrutura física do hotel.

O segundo espaço retoma o contraste existente entre o Hotel Novo Mundo e a relação entre todos que nele moram. Nesse sentido, entende-se o que está realmente em decadência nesse espaço, quer dizer, o próprio hotel, estabelecendo assim, a seguinte implicação: as pessoas residentes no mesmo vivem felizes apesar da pobreza física e estrutural deste. O próprio nome do hotel – Novo Mundo – marca essa dualidade quanto a sua natureza. Num respectivo tipo de hotel, metaforicamente falando, podemos ter a mesma classe social, mas diferentes posições de sujeitos. Por isso, a narradora cita em demasia algumas imagens que servirão para caracterizar as personagens do romance, por exemplo, a descrição que temos em relação a Divino: “um perfume de limão anunciou antecipadamente a chegada de Divino. Ele vestia uma calça marrom com pregas na cintura que o deixava ainda mais gordo e uma camisa cor de abóbora de mangas compridas” (Leite, 2009, p. 32). Outro aspecto, volta-se para a caracterização do próprio hotel que passa a ser descrito nesse momento como sendo “resquícios do palacete que o hotel fora um dia. Por aqui moravam os barões de café endinheirados” (Leite, 2009, p. 17).

Assim, o hotel apresenta-se como espaço de cisão, ruptura e decadência; porém, em meio a tudo isso, consegue-se identificar as pessoas como sendo aquelas que serão responsáveis pela restauração do mesmo, porque “uma menininha de cabelos loiros e lisos



e pele muito branca balançava os pezinhos no ar enquanto assistia desenho animado. Apesar de sua cor doentia, os olhinhos eram alegres e vivos” (Leite, 2009, p. 16). Em meio às ruínas sempre se tem uma esperança quer seja pelo olhar, quer seja pelo pensamento, pois o hotel torna-se humanizado, como corpo vivo, que mesmo ferido acaba por se cicatrizar.

A escrita do *Hotel Novo Mundo* apresenta-se irônica, fragmentada, liberta dos ideais de ordem e perfeição, apresenta o ser humano solitário, esfacelado, dividido, em conflito entre o passado e o presente, o amor e a traição. Essa incompletude, esse esfacelamento materializam-se na fragmentação do texto, nas lacunas dos relatos. Há no romance, os acontecimentos narrados por Renata sobre diferentes personagens e diferentes pontos de vista, afinal ela não tem o compromisso com a realidade dos fatos narrados. Desse modo, subverte o conceito de verdade e de completude, constantes retornos ao passado e imbricações de acontecimentos. A narrativa é modulada pela memória, os fatos são reinterpretados no presente e sujeitos às fragilidades que o rememorar acarreta.

O espaço, como foi dito anteriormente, estabelece como figuração de destruição e ruína. O hotel é aqui tomado como local de refúgio e acolhimento, porque conforme percebemos no decorrer da narrativa, este se posiciona como parte integrante na constituição e modelo de transformação de seus moradores.

Na verdade, as ruínas tornam-se a personificação do passado no presente, isto é, no presente o passado se concretiza por intermédio delas. No hotel, através dos vestígios, dos móveis e objetos ainda restantes como “uma sala de paredes verdes, sem nenhuma janela, onde havia duas poltronas e um sofá de plástico com remendos de várias cores” (Leite, 2009, p. 16), compreende-se o quanto este se torna humanizado que, por isso mesmo, pode ter algumas fases assim como a vida. O quarto de Renata, por exemplo, apresenta-se como local que

ao contrário do ambiente sufocante da recepção, o quarto era amplo e iluminado. Da janela avistava-se um imenso quintal arborizado com mangueiras, jabuticabeiras, abacateiros, gatos, cachorros, galinhas e passarinhos. Por trás das muitas fachadas, no interior do quarteirão, o quintal é um só. Uma paisagem surpreendente. Na cama de casal, os lençóis eram alvos e bem passados. Ao lado, uma poltrona de veludo verde e um guarda-roupa com espelho de cristal. No banheiro havia uma banheira antiga com torneiras de latão (Leite, 2009, p. 17-18).

Percebe-se, dessa forma, a ideia do hotel como corpo vivo, que se fecunda e instaura sempre a ideia de renovação, ou como ela mesma declara: “eu estava inaugurando o novo mundo” (Leite, 2005, p. 18). Pode-se dizer que, no *Hotel Novo Mundo*, o hotel é um mundo construído e formulado como esse espaço da modernidade ou pós-modernidade, uma vez que o fragmento, a ruptura, faz parte desse novo conceito de se produzir literatura. Como afirma Linda Hutcheon (1991, p. 32), “tanto a arte como a teoria a respeito da arte (e da cultura) devem fazer parte de uma poética do pós-moderno”.

Existem alguns termos na narrativa os quais percebemos associados ao hotel –



remendo, esburacado, antigo – pertencem ao campo semântico de ruína, o que evidencia um ritual de construção criativa da narrativa. No romance em apreço os espaços acham-se atrelados a fatos e sentimentos. As confissões e os segredos são corredores escuros que as palavras denunciam e escondem; os cantos são refúgios escolhidos para se encolher. Numa loja de umbanda, Renata pede ao pai de santo que jogue os búzios para ela, e este revela: “vejo que você é ótima dona de casa. Na sua casa tudo funciona, está tudo no lugar, mas se você sai, a coisa desanda e vira uma bagunça. Sua casa é muito bonita, com muito luxo e requinte” (Leite, 2009, p. 58). Logo, Renata é peça fundamental nesse quebra-cabeça da vida fragmentada, porque ela faz com que tudo se encaixe, mas isso só acontecerá se a mesma estiver no seu espaço físico.

Assim, a identidade feminina na modernidade ou pós-modernidade assume postura, tipicamente capitalista, independente economicamente, que consome e dita às leis no mercado inclusive nas relações com o sexo masculino. A nova identidade da mulher se confronta com um mundo instável, em crise de valores, fragmentado, sem direção clara sobre o que fazer ou o que ser, de como viver uma vida significativa e plenamente realizada. Stuart Hall (2006) menciona que a identidade é constituída por meio dessa interação entre o eu e sociedade e, mais do que isso, “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem” (Hall, 2006, p. 11).

Nesse sentido, as personagens procuram algum meio para tentar sobreviver, seja através do emprego público ou até mesmo como médica ou jogadora de basquete, pois estas dependem do regime imposto para se agruparem ao sistema coletivo, uma vez que se identificam mais com as semelhanças do que com as diferenças. Semelhanças que envolvem a mesma procura pelo espaço de sobrevivência. A identidade feminina no romance coloca as mulheres diante de uma multiplicidade de escolhas e oportunidades, traz também a possibilidade de análise, autoconhecimento de si mesmas, do seu corpo, da sua vida e do que fazer dela.

A construção dos personagens em *Hotel Novo Mundo* obedece a uma estratégia por parte da escritora e nomeia cada um deles conforme houvesse relação entre o significado dos nomes e os respectivos tipos sociais que esses deveriam representar no contexto de cada trama. Essa estratégia estilística pode escapar ao leitor, mas também enriquece a leitura de quem atentasse para esse detalhe. Assim, Ivana Arruda Leite convida as pessoas a ler nas entrelinhas, alegorias e metáforas que fortalecem ideias que defendem em cada um de seus episódios.

O nome César se inscreve numa posição de sujeito o qual está relacionado àquele que detém o poder das coisas. O próprio nome indica o seu cargo de imperador, general, comandante. Instaura, desse modo, a supremacia perante todos que o rodeiam. Representa o papel do anti-herói, pois vive a esperteza cotidiana associada à malandragem em sempre conseguir realizar o que deseja; ou seja,

ele se vê com a missão de punir e premiar quem ele acha que merece. Mas





o julgamento dele nunca é muito racional porque ele é temperamental e autoritário. [...] Sedutor, adora uma festa e está sempre de olho na mulher do vizinho. Mulher feia com ele não tem vez. Triste e deprimida, então, nem pensar. Aprecia as coisas boas da vida (Leite, 2009, p. 59).

Partindo da relação que a protagonista, Renata, estabelece na narrativa com a origem do seu nome, percebe-se que ela tem muito a doar aos outros quando tenta ajudar a quem necessita, uma vez que estes compartilham do mesmo espaço que ela, mas quando o problema surge a seu favor, logo a moça fica desorientada. Renata, menina órfã, é uma mulher ativa e soberba, principalmente depois que descobre a traição de César.

O nome Divino significa aquele que recebe proteção dos céus, confiante e leal, ele estabelece sua posição de alguém responsável e que age com todos sob a égide do respeito e sinceridade. No seu relacionamento para com Renata, ela o descreve: “que homem bom. Tão diferente do César, sempre tão apressado, tão rude, tão macho” (Leite, 2009, p. 65).

A personagem-protagonista, Renata, apresenta-se como independente em suas escolhas, pois sabe diferenciar entre César e Divino, bem como o limite que existe entre o inferno e o céu. Logo, o caminho percorrido por César implica na adequação das regras sociais, pois ele tenta manter sua postura enquanto sujeito social e como chefe da secretaria de segurança do Rio de Janeiro, por isso, ele sempre quis ter uma mulher ao seu lado. E com Divino tem-se uma relação que se apresenta como amigo/amante, onde o mesmo surge em sua vida pelo acaso e acaba por se tornar mais um caso amoroso.

No romance em apreço, encontra-se a sociedade pós-moderna representada enquanto “sociedade do espetáculo”, porque quem a assiste também participa da ação narrada. Diferentemente do que propõe Silviano Santiago em “O narrador pós-moderno”, uma vez que o narrador abstrai a palavra “ação” enquanto aquele que irá atuar na narrativa, ou seja, tem-se muito a experiência do ver, do observar, onde o mesmo declara o porquê disso: “a experiência do olhar. O narrador que olha é a contradição e a redenção da palavra na época da imagem. Ele olha para que seu olhar se recubra de palavra, constituindo uma narrativa” (Santiago, 1989, p. 52).

Para Georg Lukács (2000, p. 89-90), a teoria ligada ao romance projeta todo um mundo de experiências infinitas e mantém a tradição da criação em equilíbrio. Sendo assim,

O romance é a epopeia do mundo abandonado por deus; a psicologia do herói romanesco é a demoníaca; a objetividade do romance, a percepção virilmente madura de que o sentido jamais é capaz de penetrar inteiramente a realidade, mas de que, sem ele, esta sucumbiria ao nada da inessencialidade – tudo isso redundando numa única e mesma coisa, que define os limites produtivos, traçados a partir de dentro, das possibilidades de configuração do romance e ao mesmo tempo remete inequivocamente ao momento histórico-filosófico em que os grandes romances são possíveis, em que afloram em símbolo do essencial que há para dizer (Lukács, 2000, p. 89-90).

Dentro dessa perspectiva, o romance *Hotel Novo Mundo* revela o drama da condição



de vida da protagonista, Renata, que se desenvolve numa esfera situada para além da realidade. A sua experiência subjetiva permanece nela mesma, pois torna-se seu estado de ânimo e grandeza.

A posição da mulher no romance em estudo pode ser descrita da seguinte maneira, conforme nos aponta Affonso Romano de Sant'Anna (1974) ao analisar *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, no qual tomaremos como conceito para analisar as posições e a construção da identidade dessas mulheres:

a) mulher-objeto que é trocada como nas sociedades primitivas; b) mulher sujeito-objeto que aceita as regras do sistema dando tanto quanto recebe; c) mulher-sujeito que regula os regimes de troca capaz de impor condições e manobrar o macho em benefício próprio.

Estabelece-se, pois, os conceitos para definição de tais perfis de mulheres presentes na narrativa *Hotel Novo Mundo*, a saber:

a) Mulher-objeto. Descreve-se Renata num primeiro momento e sua relação com César. A associação do feminino com o masculino se dá na medida em que esta é a peça fundamental para que ele consiga se organizar na sociedade e, principalmente, na sua carreira. Mas, depois que ela percebe qual era o real interesse dele, parte-se para uma nova etapa de sua vida. Mais adiante, fica sabendo que César se reconcilia com sua ex-esposa.

b) Mulher sujeito-objeto. A relação entre Renata e Divino coloca ambos em pé de igualdade, pois eles ganham nos regimes de trocas amorosas e sexuais que, porventura, estabelecem trocas econômicas e sociais. O casal Génésia e Leão exemplifica o mesmo regime de trocas. Jurema e Divino também participam desse regime de trocas até aparecer Renata na vida do Divino; a partir desse momento, não vigora mais esse processo ao nível de igualdade entre ambos.

c) Mulher-sujeito. Cita-se a relação de Renata e Divino. Este cede aos desejos dela; afinal, Renata pode ser vista como arquétipo da mulher que viveu para a prostituição de elite, mas agora mantém um trânsito livre entre um e outro tipo de mulher. Ela se destaca pela independência em sobressair dessa relação onde só o macho tem voz/vez e passa a exercer o seu poder através do corpo, determinando e demarcando assim, o seu espaço.

Pode-se ainda acrescentar a essas denominações mais dois tipos de mulheres, que são restritos a:

d) Mulher-mãe. A imagem da mulher-mãe é tida como exemplo típico da mulher tradicional, ou seja, assexuada, sem desejo próprio, santa, imaculada que “padece no paraíso”. Aquela que abdica dos seus desejos para realizar os desejos dos filhos. Como exemplo, tem-se Deise, mãe da Ritinha, do Ramirinho e de Gerson. Deise está morando no hotel porque Ritinha deverá fazer uma cirurgia para colocar uma válvula no coração e os seus dois filhos estão com o pai em Tatuí. Logo, vemos o desejo dessa mãe em querer o melhor para sua filha, ou seja, vê-la curada desse problema.

e) Mulher pós-moderna. A imagem da mulher pós-moderna é a dona do seu desejo.



Ela se assume enquanto detentora de seu próprio corpo. Passeia por vários espaços, conseguindo, dessa maneira, administrar o seu tempo. Através do corpo descobre o prazer, seja pela masturbação, ou o amor-livre, e hoje ela toma iniciativa em relação ao homem ou mulher que a interessa. O seu espaço não se restringe somente ao lar, mas ultrapassa essa mácula em ser dona-de-casa, porque seu olhar está para além dos limites das convenções, isto é, ela investe no estudo e na carreira profissional, e aspira a um trabalho profissional e poder. Renata é um típico exemplo dessa mulher pós-moderna, pois a partir do momento em que se separa de César e consegue vislumbrar no hotel Novo Mundo muitas possibilidades de ascensão, ela busca a sua identidade; afinal, o seu amor para com ele era cego, o que possibilitava que ele tivesse várias amantes. Entretanto, Renata também faz com que Divino fique com ela, mesmo sendo ele casado com Jurema.

Outro exemplo dessa mulher pós-moderna se deve à relação homossexual existente entre Berenice e sua técnica de basquete, Sílvia. Relação esta descrita pela própria mãe como sendo “modernidade, minha filha. Quer saber? É o casamento que mais deu certo que eu conheço” (Leite, 2009, p. 37). Outra relação homossexual apresentada no romance trata-se da pediatra Cecília, filha de Leão, e sua companheira.

É importante mencionar que nas palavras de René Wellek (1963, p. 68): “uma análise completa da estrutura de uma obra de arte não esgota a tarefa do estudo literário. [...] a obra de arte é uma totalidade de valores que não adere simplesmente à estrutura, mas constitui sua própria essência” (Wellek, 1963, p. 68). Sendo assim, o estudo da literatura não poderá ser dissociado da crítica, porque ambas tratam do julgamento de valor em relação à produção das obras de arte; afinal a essência da literatura está no valor que as coisas possuem.

Por sua vez, a linguagem pode manter-se, no jogo entre a certeza de não se ter nunca um sentido último, totalizante, e a possibilidade de brincar, de inventar, de criar, de orientar, a cada instante, novos sentidos. Por isso, não há sentido dado, não há limites para a criação.

## Considerações finais

Analisar o romance *Hotel Novo Mundo* sob o viés da estrutura do romance equipara-se a descortinar o que de mais íntimo as personagens têm consigo mesmas ao longo das ações narradas e, ao mesmo tempo, a tentativa de esconder tal aspecto interno, manter os segredos inacessíveis é uma mola propulsora do mistério do eu e, por conseguinte, do próprio texto que tem na recepção crítica do leitor o “alquimista” a experimentar dessa matéria literária e encontrar nela a pedra filosofal, o ouro alquímico, bem como evidenciando, nesse contexto, uma relação complexa e sugestiva, mas não de toda visível e latente.

Portanto, *Hotel Novo Mundo*, de Ivana Arruda Leite, é exemplo desse jogo infinito da linguagem. Hotel, este, que pode ser pensado como o espaço da representação, do espetáculo, palco social potente, no qual variadas cenas se desenrolam. Local, sobretudo,



onde se encenam diversos papéis, permutam-se várias máscaras, *personas*. Logo, o romance leiteano teve o intento de retratar como compõe esse painel da sociedade contemporânea e quais as suas ambiguidades, as suas vicissitudes e incompletudes, como sendo algo também da própria escrita que esta é vinculada.

## Referências

PROENÇA FILHO, Domício. **Pós-modernismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1988.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio. Crítica literária e estruturalismo. *In*: HOUAISS, Antônio. **Tendências da literatura contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. Gernasa, 1969, p. 63-91.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEITE, Ivana Arruda. **Alameda Santos**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

LEITE, Ivana Arruda. **Eu te darei o céu e outras promessas dos anos 60**. São Paulo: Editora 34, 2004.

LEITE, Ivana Arruda. **Hotel Novo Mundo**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Trad. de José Marcos de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. O lugar crítico. *In*: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Ática, 1978. p. 15-34.

PIRES, Francisco Quinteiro. A esperança existe no primeiro romance de Ivana Arruda Leite. **Jornal Estado de São Paulo**, 22 jun. 2009. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090622/not\\_imp390894,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090622/not_imp390894,0.php). Acesso em: 02 jan. 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. *In*: SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 44-61.

TEIXEIRA, Ivan. Estruturalismo. **Revista Cult**, São Paulo, p. 14-17, out. 1998.

WELLEK, Renné. Conceitos de forma e estrutura na crítica do século XX. *In*: WELLEK, Renné. **Conceitos de crítica**. Trad. de Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, 1963, p. 56-68.

## NOTAS DE AUTORIA

**Rodrigo Felipe Veloso** (rodrigof\_veloso@yahoo.com.br) realiza estágio de pós-doutorado em Letras: Estudos Literários (História, Memória e Literatura Judaica) na Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor no Departamento de Comunicação e Letras, da Universidade Estadual de Montes Claros.

### Agradecimentos

Ao Mestrado em Letras: Estudos Literários da Unimontes, o texto é resultado da disciplina Tópicos de Crítica Literária, ministrada pelo professor Fábio Figueiredo Camargo (UFU).

### Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

VELOSO, Rodrigo Felipe. *Hotel novo mundo*: um estudo crítico à luz da estrutura do romance. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 29, p. 01-13, 2024.

### Contribuição de autoria

Não se aplica.

### Financiamento

Não se aplica.

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

### Conflito de interesses

Não se aplica.

### Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

### Histórico

Recebido em: 01/06/2024

Revisões requeridas em: 26/08/2024

Aprovado em: 15/10/2024

Publicado em: 09/12/2024

